



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

LÂMINA DE MACHADO, PRÉ-HISTÓRICA, NO CULTO IBÉRICO A JÚPITER?

Mário Varela Gomes

Professor Jubilado da NOVA FCSH / Membro da Academia Portuguesa de História / Academia Nacional de Belas-Artes / Associação dos Arqueólogos Portugueses / Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa / mv.gomes@fcsb.unl.pt

Resumo

O Museu Nacional de Arqueologia conserva fragmento de lâmina de pequeno machado, de fibrolite, que mostra, gravada na superfície mesial de um dos lados, a letra **𐌆** (*iota*). Esta foi usada, na península Ibérica, a partir do século VIII A.C. até aos inícios da sua romanização. A associação daquela letra à lâmina de machado, porventura votivo, sugere tratar-se de testemunho do culto a *lovi Tonans*

Palavras-chave: Machado, Letra **𐌆**, *lovi Tonans*, Plasencia.

Abstract

The National Museum of Archaeology preserves a fragment of a small axe blade, made of fibrolite, which bears an incised letter **𐌆** (*iota*) on the mesial surface of one of its sides. This letter was used in the Iberian Peninsula from the 8th century BC until the early stages of Romanisation. The association of this letter with the axe blade, possibly an old votive object, suggests it may represent evidence of a cult dedicated to *lovi Tonans*.

Keywords: Axe blade, Letter **𐌆**, *lovi Tonans*, Plasencia.

1. ANTECEDENTES

Há alguns anos demos a conhecer, com Caetano de Mello Beirão, os grafitos, realizados sobre diferentes suportes e atribuídos à Idade do Ferro, até então conhecidos, no Centro e Sul de Portugal (Beirão e Gomes, 1985).

Àquele conjunto associámos fragmento de lâmina de machado polido, de fibrolite, que mostra, na área mesial de uma das suas superfícies maiores, gravada a letra **Ϝ** (Beirão e Gomes, 1985). Só muito mais tarde haveríamos de perceber o significado desta enigmática letra, em artefacto que então considerámos ter perdido o seu uso primário, talvez usado como amuleto, não se tendo conferido conteúdo fonético ou simbólico à letra nele patente, embora se lhe atribua o valor que tem o *yôd* fenício, o *iota* do alfabeto grego arcaico ou o *i* do alfabeto latino.

2. INFORMAÇÃO EMPÍRICA

Trata-se de fragmento, contendo os volumes mesial e proximal, de lâmina de pequeno machado, cuidadosamente afeiçoado em fibrolite (silimanite fibrosa), possuindo ambas faces totalmente polidas e mostrando característico brilho.

A porção existente oferece contorno sub-triangular e secção oval, muito achatada. Uma das faces apresenta zona rebaixada para fixação lateral de cabo, o que permite atribuí-la a machado. A outra face, mostra a letra **Ϝ**, ao centro, incisa através de pequenos traços fusiformes, dirigida para a direita. Mede atualmente 0,067 m de comprimento, 0,040 m de largura no volume distal e 0,015 m de espessura máxima.

Este curioso testemunho arqueológico será proveniente da região de Plasencia (Cáceres), na Extremadura Castelhana, e foi oferecido em 1905, por Vicente Paredes y Guillén, ao hoje Museu Nacional de Arqueologia, então dirigido por José Leite de Vasconcellos (1906, p. 91; 1934, p. 50) (Beirão e Gomes, 1985, pp. 492, 493, fig. 8).



Figura 1 – Localização de Plasencia na Península Ibérica.

Vicente Paredes y Guillén (1840-1916) foi arquiteto, arqueólogo e historiador, nascido em Cáceres, mas que viveu grande parte da sua vida em Plasencia, onde José Leite de Vasconcellos o visitou, na sua casa e na data acima referida. A oferta, com que o erudito investiga-

dor espanhol obsequiou o sábio português teria duplo significado, por se tratar de artefacto pré-histórico e por mostrar letra, que não era estranha àquele segundo, dado as inscrições sidéricas que conhecia ou até havia publicado, com letras idênticas (Vasconcellos, 1900).

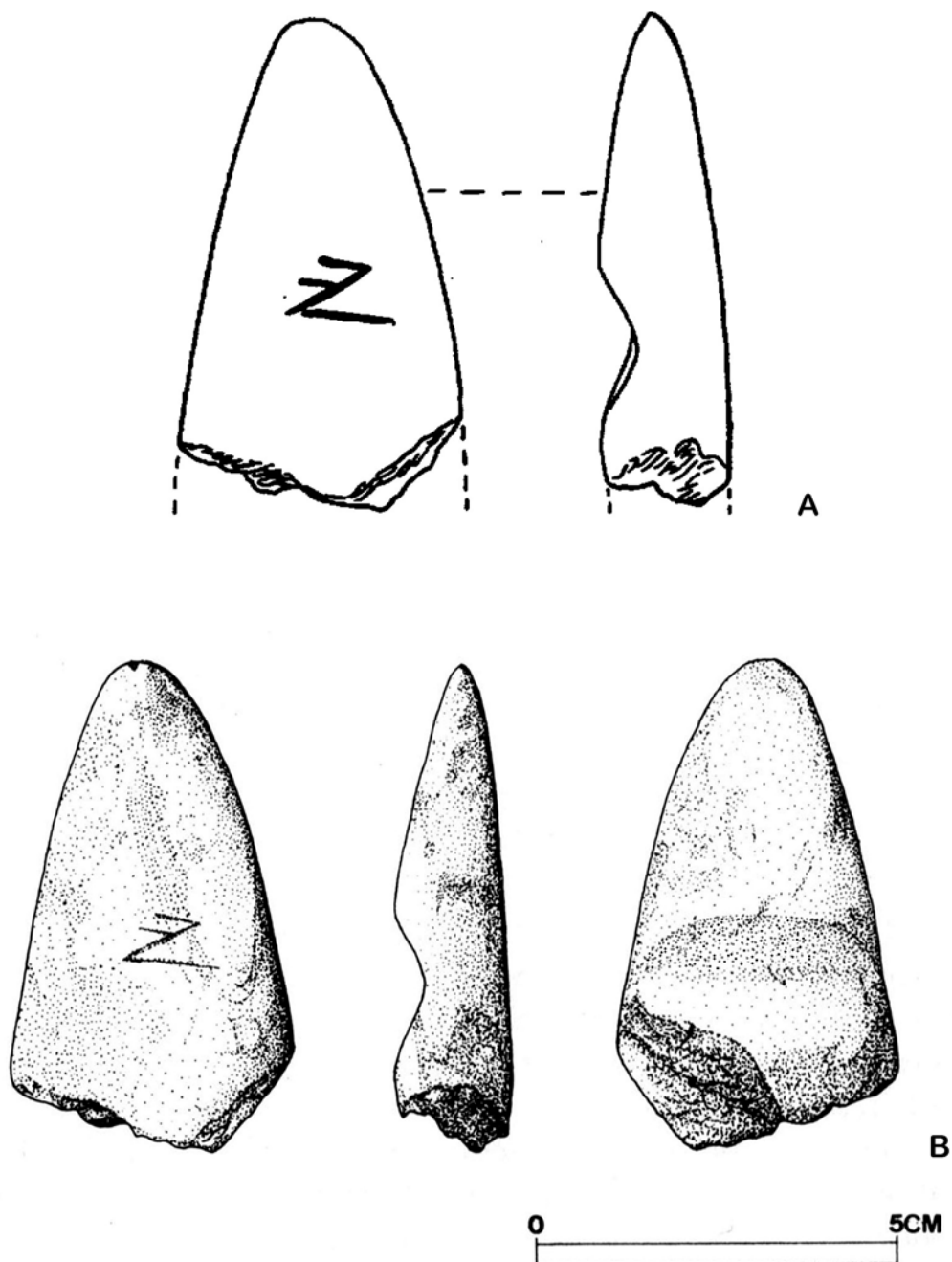


Figura 2 – Fragmento de machado, de fibrolite, polido (Plasencia, Cáceres). A. seg. J. L. de Vasconcellos, 1934, p. 50, est. I(4) (des. de F. Valença); B. seg. C. M. Beirão e M. V. Gomes, 1985, p. 493, fig. 8 (des. de M. de Sousa).

3. TESTEMUNHO DE COMPORTAMENTO RITUAL?

A informação disponível circunscreve-se a fragmento de lâmina de machado, fraturado na extremidade distal, ou gume, e a letra incisa em uma das suas faces.

Sabemos, através da Etnografia e da História que em muitas sociedades humanas, a importância conferida aos artefactos começa por residir na matéria-prima com que foram elaborados, a sua origem, cor, resistência, como no trabalho neles investido, mas igualmente no seu desempenho utilitário ou simbólico, mas também em quem foram os seus proprietários, e em outros aspetos que, certamente, nos escapam.

A fibrolite não constitui rocha muito comum na Península Ibérica, embora ocorra no Maciço Central, e as suas cores, contrastantes, branca e negra, desde cedo terão despertado a atenção dos humanos. Ela permite ser polida e apresentar faces brilhantes, agradáveis ao tato. Os artefactos polidos de fibrolite, neolíticos e calcolíticos, possuem, em geral, pequenas dimensões e têm surgido sobretudo em contextos funerários, onde integrariam a categoria de espólio votivo (Cardoso, 2022, pp. 64-66; 2023, pp. 224-227).

Várias fraturas eliminaram totalmente o gume da lâmina de machado de Plasencia. Elas não mostram esmagamentos ou sinais de refletirem o resultado de trabalho intenso, a que aquela poderia ter sido submetida. Ao invés, a ablação do gume talvez fosse propositada, de modo a não mais ser utilizada, posta ritualmente fora da sua função primária, ou para se usarem os pedaços obtidos em “remédio”, conforme ocorria na tradição popular, em França, ainda no século XIX (Cartailhac, 1877, pp. 10-12). Seria no gume, capaz de cortar, ferir e matar que, simbolicamente, residiria o poder de tais artefactos, como ocorre com outras armas ofensivas, designadamente em sociedades etnográficas.

Todavia, o mais importante indício de carácter ritual, consiste na existência da letra finamente gravada com artefacto, de sílex ou de ferro. Conforme dissemos, aquela ocupa o centro de uma das faces do fragmento, encontrando-se escrita do modo dextrorso, ou seja, da esquerda para a direita, como ainda acontece nas sociedades europeias.

A letra **IV** surge no alfabeto da escrita do Sudoeste Peninsular e foi abundantemente utilizada nas epígrafes das lápides funerárias daquela região, entre os séculos VIII e VI A.C. Mas ela continuou a ser usada nos alfabetos e signários mais recentes, do mundo pré-romano peninsular e, mesmo, durante os inícios da romanização.

Aquela letra ocupa o quinto lugar no alfabeto sinistrorso do tabuleiro de pedra encontrado em Espanca (Beja), depois das letras alfa, beta, gama, delta, e antes de kapa. Este testemunho do ensino da escrita pôde ser datado entre 600 e 550 A.C., e encontra paralelos em alfabetos gregos arcaicos, mas onde o *iota*, mostra forma de simples barra vertical (Untermann, 1997; Gomes, 2018, pp. 46-48, 51, fig. 11).

A chamada escrita do Sudoeste Peninsular, pertencente à família grafemática grega arcaica, conserva contributos e tradições procedentes de diversos lugares do Mediterrâneo Oriental, designadamente dos alfabetos asiânicos. Em cerca de 1500 signos por nós recenseados, nas estelas mencionadas, mais de 50% correspondem a vogais, pelo que se trata de registo alfabético de matriz indo-europeia. O A foi a letra mais utilizada (ca 20%); aspeto que, segundo Ferdinand de Saussure, é típico do sistema vocálico indo-europeu (Benveniste, 1975, p. 35).

Na escrita do Sudeste Peninsular, confinada à Andaluzia Oriental e bem mais tardia que a do Sudoeste, o **IV** foi a vogal mais usada (34%) (Fletcher, 1992, p. 309).

O valor fonético do **IV** corresponde ao do *i* latino, surgindo na escrita do Sudoeste Peninsular, em genitivos do singular, quando representado uma vez em sufixos, ou do plural, quando foi repetida.

O *iota* (yôd) deriva do termo semita *yadu*, que designa braço, ou mão. A forma que surge na Península Ibérica parece ter derivado da fenícia, com ascendente semítico na imagem de mão, com dedos abertos. Todavia, na Grécia Arcaica, utilizou-se, para representar o mesmo som, o traço quebrado ou linear, ambos dispostos verticalmente, constituindo exceção o uso, em Philakopi, da forma difundida na Península Ibérica (Petrie, 1912, p. 12).

Conhece-se uma dezena de lâminas de pequenos machados, ou de enxós, de pedra polida pré-históricos, reutilizados como amuletos, no mundo romano, sobretudo do Mediterrâneo Oriental (Éfeso, Argos, Pérgamo, Esmirna, Egípto, Herculano), mostrando inscrições em letras gregas e símbolos diversos, gravados alguns milénios após a sua utilização pristina, nomeadamente as imagens de deuses celestes (Yavé, Mitra, Zeus) (Faraone, 2014). Uma letra isolada pode representar apenas uma marca, sem grande significado, mas, como sabemos, também a inicial de teónimo ou de antropónimo.



Figura 3 – Lâmina de machado de jade/nefrite, medindo 0,047 m de altura, adquirida, no século XIX, no Egípto e hoje no British Museum. Oferece inscrição grega, onde se identifica o nome de Yavé (seg. C. A. Faraone, 2014, p. 13, fig. 7).

4. CONCLUSÃO

A associação da letra referida ao fragmento de lâmina de machado, permite colocarmos a hipótese de aquela corresponder à inicial de Júpiter (*Iovi*), senhor do trovão e do relâmpago, sabendo-se que existiu culto a *Iovi Tonans*. Este teve, além de outros, templo a ele consagrado mandado erigir, segundo Suetónio (*Augustus*, 29, 90), por Augusto, em Roma (Campidoglio), em reconhecimento por não ter sido atingido por raio que caiu próximo dele e matou um seu criado, durante a campanha da Cantábria (27-25 A.C.) (Landucci Gattinoni, 1989; Gusso, 2005, p. 46). Não obstante, a tradição histórica romana indica que o primeiro templo da cidade foi erguido aquando da sua fundação por Rómulo (ca 753 A.C.), dedicado a *Iuppiter Feretrius* (aquele que fere), ali se guardando lâmina de machado de pedra, que materializaria o raio, símbolo daquela divindade.

A pequena lâmina pré-histórica de Plasencia, produzida durante o Neolítico ou Calcolítico, terá sido quando do seu achado, interpretada como cerânia, ou pedra de raio, e tida como amuleto, com poderes especiais de proteção, conforme se documenta em grande número de sociedades do nosso planeta (Gomes e Callapez, 2025). Esta hipótese esteia-se ainda no facto de naquela ser invocada a divindade romana *Iovi* (Júpiter), senhor da tormenta, através da inscrição da inicial do teónimo. A aceitarmos tal dedução, pode-

mos concluir que o culto a Júpiter, ligado ao controlo dos fenómenos atmosféricos, esteve presente no centro da Península Ibérica, através de amuleto a ele consagrado por autóctone letrado ou por sacerdote, nos primeiros tempos da romanização, dado o uso de letra do alfabeto pré-latino.

Não esqueçamos que escrever seria, então, sobretudo conhecimento e prática de sacerdotes, ligados a santuários, aspeto que haveria de perviver até à Idade Moderna.

Lâminas de machados e de enxós, de pedra polida, ainda hoje popularmente conhecidas como pedras de raio ou coriscos, são guardadas nas habitações, celeiros ou currais, tendo em vista a sua proteção contra os raios, conforme já no século V Timóteo de Gaza recomendava (Faraone, 2014, pp. 2, 17). No século seguinte, o bispo de Sevilha, Isidoro (*Isidorus Hispalensis*, 560-636, *Etymologium Libri*, XVI, 4) refere igualmente as propriedades protetoras daquelas (Santýves, 1936, p. 16).¹

O artefacto objeto da presente nota deve testemunhar aspeto desconhecido do culto a Júpiter na Península Ibérica.

¹ Na casa burguesa lisboeta em que nasci e vivi parte da minha vida, existia lâmina de machado polido de anfibólito, encontrada na Lourinhã, tida como protetora dos raios. Na Caramujeira (Lagoa), foi-me amavelmente oferecida, em 1975, lâmina de machado polido, que o seu possuidor mantinha em orifício da parede, situado junto à porta de entrada da casa onde habitava, para que nela não penetrassem raios ou maus-olhados. Todavia, na minha casa da Ericeira, aquando de fortes trovoadas, que chegavam a cortar a eletricidade, para aquele primeiro fim, acendia-se uma vela, ou lamparina, junto a bonita imagem barroca de Santa Bárbara e as mulheres presentes rezavam o padre-nosso em voz alta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIRÃO, C. de M.; GOMES, M. V. (1985) – Grafitos da Idade do Ferro do centro e sul de Portugal, *Actas del Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, pp. 465-499, I est., Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca.

BENVENISTE, É. (1975) – *Problèmes de Linguistique Générale*, vol. I, Éditions Gallimard, Paris.

CARDOSO, J. L. (2022) – Matérias-primas não metálicas de origem geológica na Pré-História do Ocidente Peninsular: contributo para o conhecimento da sua exploração, circulação e utilização, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe Ciências*, vol. 48, pp. 39-77, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa.

CARDOSO, J. L. (2023) – Mineração, circulação e transformação de produtos geológicos não metálicos no Neolítico e no Calcolítico do Ocidente Peninsular, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 33, pp. 169-252.

CARTAILHAC, É. (1877) – *L'Age de Pierre dans les Souvenirs et Superstitions Populaires*, C. Reinwald et Cie, Paris.

FARAONE, C. A. (2014) – Inscribed Greek thunderstones as house – and body – amulets in Roman Imperial Times, *Kernos*, nº 27, pp. 1-27.

FLETCHER, D. (1992) – Comentarios sobre escritura y lengua ibéricas, *Estudios de Arqueología Ibérica y Romana, Homenaje a Enrique Pla Ballester*, pp. 301-311, Diputación Provincial de Valencia, Valencia.

GOMES, M. V. (2018) – A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular. A sua investigação durante o século XX, *Al-Ulya*, nº 20, pp. 27-60.

GOMES, M. V.; CALLAPEZ, P. M. (2025) – Lâmina de enxó de Cacela (Algarve). Breve reflexão acerca de artefactos arqueológicos interpretados como isolados, *Portvgalia*, nova série, vol. 46, pp. 5-28.

GUSSO, M. (2005) – Il prodigio del fulmine nell'antichità, *Quaderni del Circolo Vittorioso di Ricerche Storiche*, nº 8, pp. 41-62.

LANDUCCI GATTINONI, F. (1989) – Iuppiter Tonans, *Femini Naturali e Avenimenti Storici nell'Antichità*, pp. 139-153, Contributi dell'Istituto di Storia Antica, vol. 15, Roma.

PETRIE, W. M. F. (1912) – *The Formation of the Alphabet*, British School of Archaeology in Egypt, London.

SANTYVES, P. (1936) – *Pierres Magiques: Bétyles, Haches-Amulettes et Pierres de Foudre. Traditions Savantes et Traditions Populaires*, Librairie Émile Nourry, Paris.

UNTERMANN, J. (1997) – Neue überlegungen und eine neue quelle zur entstchung der althhispanischen schriften, *Madriider Mitteilungen*, vol. 38, pp. 49-66.

VASCONCELLOS, J. L. de (1900) – Novas inscrições ibéricas do Sul de Portugal, *O Archeologo Português*, vol. V, pp. 40-42.

VASCONCELLOS, J. L. de (1906) – Acquisições do Museu Ethnologico Português, *O Archeologo Português*, vol. II, pp. 89-92.

VASCONCELLOS, J. L. de (1934) – Amostras da Secção Hespânica do Museu Ethnologico de Belém (Portugal), *Anuario del Cverpo Facvltaivo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqveólogos*, vol. I, pp. 49-59.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt